

Carlos Fuentes, uma homenagem singela

Fernando Henrique Cardoso

Carlos Fuentes, em uma de suas admiráveis conferências sobre o Quixoteⁱ, enlaça na mesma teia autor, leitor, escrita, como se houvesse um universo contínuo ligando autores, coisas acontecidas, leitores de todos os tempos. Foi a partir dessa perspectiva que Don Quixote se viu reavaliado. Haveria uma fluxo permanente na escrita, um enredo entre autores, fantasias, leituras, que permitiria transformar em literatura os segmentos do real que se desdobram diante de nós. Mas, cuidado, Fuentes mostra também que a novela que brota da pluma de Cervantes ou de Shakespeare é a fórmula literária que marca o início da modernidade. Esta forma não responde ao mesmo movimento expresso na relação autor-leitor-escrita da época clássica, nem da Idade Média. Na epopeia clássica havia uma ordem pré-estabelecida que deveria ser imutável. Quem a transgredisse entraria no terreno da tragédia. O herói mítico viola a ancestralidade, viola a norma, comete um erro trágico. É herói porque seu erro restaura e fortalece a ordem antiga. Édipo pode se reintegrar à comunidade porque seu terrível destino revigorou a crença na norma: o incesto continua interditado.

Já na Idade Média, não cabe sequer a liberdade equivocada; ela se transforma em heresia e requer a expulsão do Paraíso. A heráldica verbal do mundo medieval é alheia a qualquer transformação: existe uma correspondência unívoca entre as palavras e as coisas e, ao final, toda leitura é a leitura do Verbo Divino. A *Summa Theologica* se expressa por palavras que significam o que contém e contém o que significam.

É essa correspondência, esta visão única, que se rompe no mundo moderno. Giordano Bruno, queimado por isso em 1600, vê o universo em permanente metamorfose: cada ser possui em si o germe de infinitas formas futuras. Na literatura, a forma novelesca, corresponde a esta ruptura com o passado. Toda obra escrita se apoia, de alguma maneira, no que já foi codificado, a grande questão é saber se esse apoiar-se é para referendar, ou para, sem que seja heresia ou tragédia, afirmar-se como uma nova forma de liberdade. É isso que Fuentes vê em Cervantes, como em Shakespeare, como verá também em Joyce: todos eles inscrevem a crítica da criação em suas obras: a do leitor em Quixote, a da escrita, em Joyce.

Sem que fosse esta a conferência que eu escutei, recordo-me que estando em Providence como *professor at large* na Brown University, lá por 2007 ou 2008, vi um cartaz anunciando que Fuentes (professor na mesma universidade) daria uma aula magna sobre Cervantes e o Quixote. Fui sentar-me discretamente para escutar o mestre. Já o conhecia de longa data, mas não queria ser percebido entre os presentes; um pouco inutilmente, pois a partir de certo momento era claro que Carlos, que estava acompanhado por Sílvia, percebera que eu o escutava. Sim, escutei-o com deslumbramento. Ele ia aos poucos situando o papel fundador de Cervantes na literatura moderna; dedilhava, como um virtuose, autores e mais autores e compunha a grande sinfonia da literatura espanhola no cenário mundial (em outros ensaios incorporaria ao painel a literatura ibero-americana). Minha admiração era total: além do mais, se expressava em um inglês perfeito na forma e na dicção e à elegância verbal somava-se a corporal.

Disse que conhecia Carlos Fuentes de longa data. É que a escrita antecederia ao escritor na minha intimidade. Nos meados dos anos 1960, vivendo exilado no Chile, recebi mais diretamente o impacto dos grandes autores hispano-americanos. Em Santiago, Pablo Neruda, naturalmente, era a maior referência. Até hoje, recordo não só a figura grandiosa, a la Isla de Pascua, do grande Neruda, bem como sua Matilde. Nunca me esquecerei de Neruda com voz entre aguda e pastosa, dizendo versos na casa de sua propriedade, mas na época alugada ao agregado cultural da embaixada do Brasil, Thiago de Mello. Reproduzo de memória e, por isso, saltando:

“Puedo escribir los versos más tristes esta noche.

Escribir, por ejemplo” e por aí vai, até chegar ao

“Ya no la quiero, es cierto, pero tal vez la quiero

Es tan corto el amor, y es tan largo el olvido”.

Sem falar no *Canto General*, ou nas *Alturas de Machu Pichu* ou nas *Odas Elementales* que pavimentaram minha admiração pela literatura em espanhol.

Neruda e Donoso, com seu *El obscuro pájaro de la noche*, terão sido os primeiros a sensibilizar este bronco brasileiro, educado no amor às letras francesas, para descobrir o mistério, a leveza, a beleza das palavras em castelhano. Carlos Fuentes não esteve longe deste aprendizado. Recordo bem do impacto causado em mim pela leitura de *La Muerte de Artemio Cruz* e, principalmente, por *La Región más transparente*, que lí em volume emprestado por Francisco Weffort (meu ex-aluno que mais tarde foi ministro da Cultura), livro que até hoje não devolvi. A semelhança entre os tipos humanos do México e do Brasil, a diversidade entre eles nos dois países, as dificuldades da vida no cotidiano, o povo sofrido, mesmo no México da Revolução, eram familiares ao leitor brasileiro. Em *Aura*, livro de 1962 que li mais tarde, eu não adivinhara ainda, mas pressentia as alturas a que poderia chegar a novela latino-americana ao transcender o banal no mágico.

Fui sendo ganho, pouco a pouco, pela força da literatura em castelhano. Não conhecera ainda os *Cien Años de Soledad*, nem *El General en su Laberinto*, nos quais o clima nefelibático de *Aura* se transforma em um mito-realista, mais do que em uma escrita surreal. No Brasil só Guimarães Rosa no plano da invenção literária e mesmo léxica, no *Grande Sertão, Veredas*, fora capaz de tais aventuras (antecedido, neste aspecto, por *Macunaíma* de Mário de Andrade). Estamos longe do Machado de Assis das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que Carlos considerava o grande romancista latino-americano do século XIX, cuja estrutura do romance se assemelhava à do homem de la Mancha, mas cuja ironia e cuja perspicácia para desvendar a teia social não apelavam ao mágico, ao surreal. Se havia algo de surreal era nas coisas mesmo, em sua exterioridade, em sua banalidade e no significado que possuíam.

Pouco a pouco fui descobrindo outras vertentes da literatura latino-americana. Antes de chegar ao Chile, ainda nos anos 1950, apesar de já saber de Neruda, apenas Nicolás Guillén com seu Songoro Cosongo, graças à sua militância política (que era a minha) chegava a nós jovens não diretamente afeitos à literatura, sequer à brasileira. Mario Vargas Llosa, por seu envolvimento político, do mesmo modo, me despertou logo a atenção: *Conversaciones en la*

Catedral seguido de *La Casa Verde* e *La ciudad y los perros*. Não poderia imaginar, quando os li, que antecipariam as ilusões e desilusões do *El pesce em el agua*, livro no qual análise e literatura vêm com o travo da experiência política vivida. Que me perdoe Carlos: foi com este substrato que, décadas mais tarde, li e me empolguei, com *La Silla del Águila*, livro no qual o escritor maduro, sem perder os dotes literários, vai além do imediatamente perceptível nas asas do imaginário para descortinar o real, como se fora, e era, um sociólogo. Vargas Llosa em *La fiesta del chivo*, antecedido por tantos outros autores (basta referir a *Yo, el supremo* de Roa Bastos) percorreu senda parecida.

Ao reler o que escrevi acima, de repente saltam-me à vista os pontos vazios da memória. Lí, sim, e com paixão, Borges, tão parco em panoramas míticos, tão preciso em transformar assombrações em lógica. E também o *La Rajuela* de Júlio Cortázar, que foi coqueluche em minha geração, sem esquecer Sábado. Não poderia deixar de haver tomado conhecimento de *Los Pasos Perdidos* de Alejo Carpentier ou do *El recurso del método*. E, gigante nos ombros de quem muitos puderam vislumbrar o amanhã, Octavio Paz, de cuja obra imensa ficaram na minha memória *El Laberinto de la Soledad* e, bem mais recentemente, o penetrante ensaio *Vislumbres de la Índia*, além dos textos mais próximos à minha especialidade, do *Sueño en Libertad*.

Faço estas considerações para dizer que, dada minha escassa bagagem literária, não tenho credenciais para analisar ou julgar o romancista Carlos Fuentes, mas tenho, sim, o gosto para admirá-lo. Se fiz acima um namoro com a literatura foi para chegar a mares dantes navegados por mim: sinto-me mais à vontade para gabar e subscrever as opiniões do intelectual público, do ensaísta, do observador político, do ser contemporâneo que foi Carlos. Crítico do que ocorria em nossa América, Fuentes não esconde o fundamento de sua filosofia: falando de Onetti disse que este “*se há acercado más al centro trágico de toda presencia: el desafio final de la libertad consiste em saber que el otro que me domina soy yo mismo*” (CF, *La novela y la vida*, p 56). E, mais adiante: “*La libertad es la lucha por la libertad y el porvenir no nos absolverá de ella*”.

Condenou inúmeras vezes as ditaduras e os ditadores. Nunca aceitou a capitulação, seguiu o imperativo moral do “é preciso lutar”. Homem de convicções foi também homem de coragem: não basta reconhecer o inimigo, o que tolhe a liberdade, é preciso lutar pela liberdade e recomeçar sempre a luta, qual Sísifo moderno, sabendo que a vitória pode ser fugaz, pois seu oposto está em nós próprios. O instrumento essencial para esta luta são as palavras, que “*como el aire, son comunes: o son de todos o no son de nadie*” (p.53). O poder político não existe sem apoio verbal, a história é uma operação de linguagem, do presente sobreviverá o que foi dito ou escrito e as palavras descreverão do passado o que já não é, mas foi. O escritor é, pois, o combatente pela liberdade que tem as palavras a sua disposição, encontra nelas o instrumental necessário para tornar prática sua fé. Escreve por imperativo moral e experimenta com as palavras o que é e o que não é, além de não dever ter sido. Amalgamam-se os dois Kants, o da razão pura e o da razão prática. Não é pouco!

Consequente com essa visão, Carlos Fuentes usou a linguagem para combater. Um de seus livros se chama *Contra Bush*, sem meias palavras. Sem a referência direta a pessoas, denunciou

o sistema político de seu próprio país. Em *La silla del Águila*ⁱⁱ, desvenda o sistema de poder mexicano e a trama dos que visam ao controle do estado com o bisturi de suas palavras que são mais cortantes e esculpem melhor do que o faria o sesgo sociológico com o uso de conceitos abstratos. Nas muitas tiradas sobre o poder e sobre quem o personifica, Fuentes vai de Weber a Maquiavel sem precisar mencioná-los nem apelar a seus escritos: “*Sabes una cosa, Nicolás?* (pergunta a mãe Maria del Rosario Galván, a Nicolás Valdívía) *Um hombre puede dejar de actuar en política. Lo que nunca deja de actuar son las consecuencias de sus actos políticos*”, dirá como se se referisse à ética weberiana da responsabilidade. (*La silla del Águila*, p. 314-5)

Por outro lado, salpica frases que desnudam maquiavelicamente o jogo do poder: o brilho excessivo cega quem vive na penumbra da mediocridade; o mais ambicioso é quem menos dramatiza a si próprio; em política se finge, nos negócios pode-se ser abertamente brutal e cínico; é melhor ser injusto com o inimigo porque ele o será contigo. E por aí vai. Simulando uma troca de cartas entre o Presidente, ilustres candidatos a sucedê-lo, cortesões, políticos, mulheres e homens ambiciosos, Carlos Fuentes vai desenhando literariamente a ossatura do poder em *La Silla del Águila*. E, ao assim fazer, denuncia que no México imaginário (que refletia o de verdade daquelas épocas, ou quem sabe de todas) a liberdade verdadeira e o sentido público estavam longe do poder.

Reiterando que não sou crítico nem conhecedor de literatura, podendo, pois opinar com ligeireza sobre a matéria, quem em outro Continente mostrou o Poder assim descarnado foi alguém que era mais jornalista profissional do que escritor, o polonês Ryszard Kapuscinski na novela *O Imperador*, na qual descreve o governo de Haile Selassié, da Abissínia. Numa trama formada pelas conversas entre serviçais do palácio imperial Kapuscinski ressalta e denuncia as formas que o poder pode assumir quando a liberdade e a própria noção de bem ou de mal são absorvidos pela *realpolitik* e pelo sofrimento de “*los de abajo*”. Fuentes faz a análise usando como personagens os “donos do poder”; o polonês utiliza não suas vítimas propriamente, mas os serviçais de menor visibilidade dos donos do poder. Nos dois casos há a denúncia dos desmandos e malfeitos dos poderosos.

O que transparece na literatura, Carlos Fuentes o postula claramente em seus discursos, ensaios e análises. No discurso de agradecimento pelo prêmio Rómulo Gallegos que recebera em Caracas em 1977, mostrou o quanto de antiquado havia no debate e nas práticas políticas vigentes na América Latina. Dez anos antes da queda do muro de Berlim dizia :“*Poder del individuo, sí, y de los derechos humanos de las revoluciones burguesas, (...) Poder de la colectividad, sí, para eliminar la explotación pero no para sustituir la por otra que, al anular los derechos individuales de opinión, reunión, palabra, disidencia, anula también su propia razón dialéctica* (p.59-60). E, mais adiante: “*La democracia y el socialismo son otra cosa*” (p.60) “*el verdadero poder civilizado es el que co-existe con los poderes plurales de la sociedad y el proceso mismo de la cultura consiste en transformar, paulatina o radicalmente, el poder en los poderes.*” É o resumo e a transcrição literária do que quase contemporaneamente escrevia Michel Foucault. Poder para todos, menos o para os exploradores. Poderes, mais do que Poder. Liberdade para tudo, menos para oprimir, escreveu Fuentes, replicando o eco renovador do “é proibido proibir.”

Anos mais tarde, no *En eso creo*, de 2002, reafirma suas convicções democráticas e o modo de encarar o capitalismo e a esquerda, a democracia e o coletivo. Já estávamos em anos de “globalização”. Fuentes, realista e moderno, não nega o processo econômico nem os avanços do mercado. Mas, pontua: “Se alguma coisa une a nova esquerda europeia é sua decisão de sujeitar a globalização à lei e à política”. (p.69).ⁱⁱⁱ

Governada, diz ele, a globalização é uma oportunidade para todos, sem governo redundante na anarquia e na desigualdade para todos (p.71). De maneira lapidar diz que se o capitalismo dá substância à economia, é a democracia que permite os consensos, é ela que abre espaços para o meio termo no qual os mais fracos da sociedade e do mercado podem combater e negociar suas conquistas. É neste meio termo que se situa a esquerda, este é seu espaço político, o da reparação das injustiças.

No item *Liberdade*, no mesmo livro, explicita seu pensamento sobre o tema, que já abordara em suas novelas. Trata-se, diz ele, de assunto tanto público como privado. Ela, a liberdade, consiste em algo no qual entramos e saímos, numa procura constante. Consiste em acreditar nela, lutar por ela, busca-la incessantemente, sem jamais alcançá-la completamente. Mas, “a procura da liberdade nos torna, em qualquer circunstância, livres” (p. 160). Imbuído dessas ideias não é de estranhar que Fuentes tenha sido tão crítico das formas de poder e mesmo do que na América Latina veio a ser traduzido como o jogo político: ora sob ditaduras, ora em um sistema meramente eleitoral, no qual partidos e pessoas se envolvem sem com isso envolverem a sociedade. Há por certo, avanços, mas política para Carlos Fuentes “é algo mais do que um episódio eleitoral.” (p.190). Apela a Hegel para sintetizar sua própria convicção: a política tem uma tese, o direito; uma antítese, a ética; e uma síntese: moralidade e legalidade” (p.190). Culmina sua síntese com Burke: além do mais a política é uma arte, uma virtude, uma perfeição. E não venham os críticos apressados acoirar Fuentes de conservador pelos autores citados: seu amor à liberdade, à maior igualdade e ao espaço da esquerda no qual os mais fracos lutam por suas conquistas e direitos dão o norte de sua postura social-democrática.

Não pretendo nem posso sequer aflorar o conjunto da obra e das reflexões de Carlos Fuentes nesta singela homenagem. Para terminar, contudo, quero me referir à paixão de nosso autor pela América Ibérica. O primeiro verbete do seu credo é exatamente sobre isso. Declara que acredita na ideia de uma América Ibérica. O Atlântico seria uma ponte entre nós e a Europa, uma ponte indo-afro-ibero-americana. A outra metade é a Espanha, a das três culturas, cristã, árabe, judaica. De qualquer modo: uma cultura mestiça ou, no mínimo, aberta a diversas aventuras do espírito, assentada, ademais na miscigenação de sangue. Embora fale na Espanha como o outro lado do Atlântico, Carlos Fuentes não deixa de incorporá-la Ibero-América que lhe era tão querida, mesmo sem mencionar Portugal, os brasileiros: Portinari, Villalobos, Niemeyer, Amado, Roberto da Matta e o cineasta Nelson Pereira dos Santos.

Como criar um estado nacional com fundamento na lei em uma região de tantas influências, nascida sob o signo do colonialismo, oscilando pendularmente entre a anarquia e as ditaduras, construída com e contra as grandes casas reinantes europeias? Esta foi a saga do século XIX. Como afirmar nações ao sopro da democracia e da igualdade, foi o desafio, e continua sendo, do século XXI. Se a tarefa parece, como a da procura da liberdade, um moto contínuo de

buscas, acertos, decepções e novas buscas, pelo menos os resultados positivos da mescla de culturas são visíveis.

E é destes que trata a outra grande obra de Fuentes: *O Espelho Enterrado*.^{iv} Confesso que quando li este livro senti uma ponta de inveja pela capacidade de Carlos de penetrar tão profunda e atraentemente na cultura ibero-americana, mas senti também certo incômodo por não ver de forma mais plena a incorporação do mundo luso-brasileiro em tão fascinante Ibero-américa. Não obstante, era extraordinário o conhecimento que Carlos Fuentes tinha da história e da cultura espanhola, bem como de suas reencarnações transfiguradas na América indígena, africana, europeizada. A argúcia da crítica não só literária, mas artística é de dar gosto e, no meu caso, de mostrar o quanto falta saber para chegar à altura de um Carlos Fuentes. Menciono, só para exemplificar, a análise do quadro famoso, *As Meninas*, de Velásquez e o contraponto com a história da Espanha. Ou ainda, as páginas admiráveis sobre Goya, a minúcia dos inacreditáveis *Caprichos*, que culminam com: o sonho da razão produz monstros. Para melhor destacar a produção cultural, Carlos Fuentes a relaciona com o saber histórico. No caso da época da Espanha Imperial foi buscar em ninguém menos que John Elliot a base para suas explicações.

Intelectual moderno, sem deixar de ser partícipe do grupo de latino-americanos que parecem descendentes de um Iluminismo transfigurado por nossa mescla cultural específica, Carlos Fuentes foi também o que hoje se chama, à moda saxônica, de um intelectual público. Participou dos esforços de muitos de nós para mudar a ambição vã da “guerra às drogas”, transformando-a em políticas mais humanas de controle de danos, de saúde pública e de prevenção. Apaixonado pela cultura, mas também, pela política e pelos encontros de pessoas dos distintos rincões geográficos ibero-americanos, foi o grande animador do Foro a que pertencemos.

Por tudo isso, desculpando-me uma vez mais por haver entrado em terrenos dos quais deveria antes me afastar em respeito aos muitos, como Carlos, que sabem deles e ao pouco que sei, não me contive e ousei deixar escritas estas poucas páginas em homenagem e gratidão a tudo que Carlos Fuentes fez e representou para todos nós, personagens ou intelectuais latino-americanos, ou melhor, Ibero-americanos.

ⁱFuentes, Carlos, *La silla del Águila*, Madrid, 2003, Santillana (Alfaguara)

ⁱⁱÍdem, *La silla del Águila*, Alfaguara, 203, p. 314-5

ⁱⁱⁱ Cito a partir da tradução em português, *Este é meu Credo*, Rio de Janeiro, Rocco, 2006.

^{iv} CF, *O Espelho Enterrado*, tradução para o português de Mauro Gama, Rio de Janeiro, Rocco, 2001; edição original em inglês de 1992